



NARRATIVAS DE PROFESSORAS DAS ILHAS DE BELÉM: visão de si e saberes ambientais

Rafaela Lebrege Araujo¹
Terezinha Valim Oliver Gonçalves²

¹ Universidade Federal do Pará, Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação Matemática e Científica, rlebrege@yahoo.com.br

² Universidade Federal do Pará, Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação Matemática e Científica,

Resumo

Neste artigo, apresento a discussão dos resultados de uma pesquisa narrativa, utilizando a análise textual discursiva, considerando as histórias de vida de professoras de três ilhas não urbanizadas de Belém. As análises dos resultados indicam que as professoras das ilhas iniciaram suas práticas docentes pelos mais variados motivos, e que por trabalharem em contextos singulares, desempenham papel social de vital importância para a comunidade como um todo. O *querer bem* aos alunos, à comunidade e ao contexto em que vivem e o senso de responsabilidade para com a comunidade escolar é recorrente entre os sujeitos. Os saberes práticos ambientais que partem da valorização do ambiente natural, do desenvolvimento de ações educativas ambientais a partir da percepção das problemáticas observadas, com o objetivo de intervir no contexto, e formar alunos críticos sócio-ambientalmente caracterizam a prática de educação ambiental.

Palavras - chave: pesquisa narrativa, histórias de vida, formação de professores, saberes ambientais.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados de minha pesquisa desenvolvida durante o curso de Pós-graduação – Mestrado – em Educação em Ciências.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, rememorei minha infância, minha adolescência, meus anos de graduação no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Pará, e o início de minha docência na rede estadual de ensino - mais especificamente sendo professora de uma ilha de Belém do Pará – no intuito de compreender os currículos que constituem minha identidade, pois que o currículo “é autobiografia, é nossa vida, é trajetória” (SILVA, 2002, p.150), dando-me possibilidade de perceber o quão significativo seria investigar o contexto do qual eu faço parte enquanto educadora. Neste rememorar, então, cheguei a minha questão de investigação, e voltei os olhos para as professoras ilhoas de Belém.

As questões centrais da investigação voltaram-se para a compreensão de como se vêem professoras de algumas das ilhas de minha cidade no contexto em que estão inseridas, através das narrativas de suas histórias de vida, buscando conhecer, na tentativa de compreender os saberes ambientais que constituem suas práticas docentes.

Os sujeitos investigados são professoras do ensino infantil de algumas escolas das ilhas de Cotijuba, Paquetá e Urubuoca, estas situadas a oeste da cidade de Belém.

São professoras que espontaneamente concordaram em participar deste trabalho de pesquisa, compartilhando suas histórias e saberes, que constituem suas vidas e formação.

Na tentativa de justificar o significado desta pesquisa, caracterizo o contexto investigado ressaltando que Belém, capital do estado do Pará, é a maior cidade da linha do Equador, e é conhecida como a metrópole da Amazônia. Ocupa uma área circundada por uma complexa rede hidrográfica, formada por bacias, igarapés e furos¹, estando a 14 metros do nível do mar. O Município de Belém possui um território de 50.582,30 ha, sendo a porção continental correspondente a 17.378,63 ha ou 34,36% da área total, e a porção insular, que corresponde a 33.203,67 ha ou 65,64% (dados da cidade de Belém contidos no Plano Diretor do Município de Belém). Esta última é constituída por cerca de 42 ilhas, sendo 39 habitadas, perfazendo mais de 60% de sua superfície.

Essas ilhas, em sua maioria, possuem características que posso classificar como bastante singulares, por serem bem rústicas, rurais e com baixa densidade demográfica. Elas se distinguem de ilhas urbanizadas e famosas do país, tais como São Luís, Florianópolis e outras, com infra-estrutura básica de cidadania, tais como saneamento, disponibilidade de energia e água potável. Entretanto, possuem ecossistemas típicos da região Norte, ou seja, áreas de várzeas, mangues e terra firme, em meio a rios bastante extensos. São detentoras de especificidades que permitem a exploração de seus solos; coleta e exploração de madeiras e frutos; a pesca e o uso de seus recursos naturais como atrativos turísticos, mas nem sempre de forma sustentavelmente harmônica e compatível com seus ecossistemas².

Em três dessas ilhas - **Cotijuba, Paquetá e Urubuoca**- os sujeitos desta pesquisa desenvolvem seu trabalho docente. A ilha de Cotijuba, dentre as três, é referência para as ilhas mais próximas, pois já possui certa infra-estrutura, contando com água encanada, energia elétrica, posto de saúde, escolas estaduais e municipais, e linhas de transportes fluviais diárias, embora em horários restritos, o que, de algum modo, cerceia o direito de ir-e-vir da população. Com 15 quilômetros de praias, a ilha vem se desenvolvendo com o turismo.

Nas outras duas ilhas, embora próximas geograficamente da ilha de Cotijuba, não há abastecimento de água, nem energia elétrica, não há linhas de transportes regulares, o atendimento à saúde é precário, e os moradores vivem basicamente da pesca e do extrativismo do açaí e do palmito, constituindo uma população bastante carente. Na ilha de Paquetá, existe um anexo da escola estadual, e um da escola municipal, ambos com classes multisseriadas, e na ilha de Urubuoca, há um anexo da escola estadual. As escolas-sede³, da esfera estadual e municipal destas ilhas situam-se na ilha de Cotijuba.

¹ Bacia Hidrográfica é uma área ocupada por um rio principal e seus afluentes. Furo: é a comunicação entre dois rios ou lagos. Igarapé: pequeno curso de água. Termo da Amazônia que nomeia os rios pequenos ou riachos somente navegados por canoas, ou barcos pequenos (SIOLI, 1985).

² Conforme site <http://www.ufpa.br/projetomegam/index.htm> em 24/07/2007.

³ Escola sede é a escola central, independente administrativamente, e que pode ter uma ou mais escolas que, por sua vez, dependem administrativamente da mesma. A escola sede tem a função de distribuir entre as escolas - anexos o que vem da respectiva Secretaria de Educação, sendo que todas ficam subordinadas a uma só diretoria.

As escolas das ilhas são os espaços onde muitas histórias se fazem, se constroem. Histórias de muitos personagens. E apesar de pertencerem a uma região geográfica aparentemente próxima, “encontram-se distantes em função do meio de deslocamento para se chegar até as mesmas – meio fluvial, que é moroso” (ANDRADE, 2007).

Atualmente, nas ilhas, há escolas da esfera municipal, estadual, e seus anexos, o que revela pontos de diferentes administrações, “por se tratar de ideologias políticas diferentes –estadual e municipal -, e também com investimentos usados de forma não igual para todos” (idem). As escolas que funcionam como anexos suprem as necessidades das crianças que moram longe da escola-sede, tendo o objetivo de encurtar a distância de deslocamento do aluno para a escola.

Essa realidade torna de certa forma o trabalho das professoras sacrificante na medida em que o acesso às escolas é difícil, dentre outros motivos. Muitas delas não residem próximo ao local de trabalho, tendo que, por exemplo, depender de barcos que não chegam exatamente a deixá-las na escola, e as mesmas têm que trocar de embarcação no meio do rio, o que comporta riscos, ou então, andar quilômetros atravessando pontes quebradas, igarapés, áreas de floresta, para chegar à escola. Tudo isso torna relevante relatar as histórias de vida e o trabalho dessas professoras, que mesmo enfrentando dificuldades e perigos, não deixam de estar em suas escolas com as crianças, o que é um retrato da realidade amazônica, como narrado na fala de uma das professoras:

Olha, para mim, ser professora aqui nessa comunidade é muito difícil. Muito difícil porque eu moro (...) lá na estrada principal. Moro lá e venho andando porque tenho problema de coluna, e não posso andar de bicicleta. Tem um atalho, tem uma trilha aqui por dentro, aí passa a ponte (que está toda quebrada), tem a mata. Primeiro, passo por um igarapé, depois vem a mata, aí eu saio na praia para chegar aqui. Olha, é muito difícil... Agora, tempo de inverno é um sofrimento para a gente vir para cá, um sofrimento! Já fui picada por cobra. Matamos cobra toda semana. É muito perigoso para vir para cá. Mas para mim vale a pena. E a gente não é bem remunerada, não é? A gente sabe que não ganha bem, mas eu faço por amor. Porque eu gosto de fazer. Eu trabalho como professora porque eu gosto, eu adoro fazer isso. Acho que eu não sei fazer outra coisa a não ser isso. Mas agora que é sofrido, é. Para mim, que moro para lá, e venho para cá, é sofrido. Eu saio seis e meia da manhã da minha casa, aí saio cinco e meia da tarde daqui... e no tempo chuvoso eu saio mais cedo, porque a mata fica escura, escura. Aí tem ponte quebrada, tem lama, tem que passar por lama. É horrível... (Professora Jeusa, anexo estadual Pedra Branca, ilha de Cotijuba).

Do ponto de vista metodológico, é importante ressaltar que para concretizar esta investigação, lancei mão da pesquisa qualitativa, na modalidade narrativa. “A razão principal do uso da narrativa na investigação educativa é que nós, seres humanos, somos organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente, vivemos vidas relatadas” (CONNELLY & CLANDININ, 1995). Para estes autores, a narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo. Portanto, a narrativa das histórias de vida é tanto o fenômeno a ser investigado (justaposto aos saberes que emergirão das mesmas), quanto o método de investigação que se concretizou em entrevista semi-estruturada e colaborativa e na análise das possíveis tessituras das unidades narrativas. E neste processo biográfico, considero o que Ferrarotti (1988) chama de “materiais biográficos primários”, isto é, narrativas autobiográficas recolhidas diretamente por mim enquanto investigadora, no quadro de uma interação primária, face a face e mente a mente. Sendo interessante a riqueza

objetiva do material biográfico primário, e, sobretudo sua **pregnância subjetiva** no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador.

As narrativas são consideradas através da Análise Textual que busca a **compreensão** “dos fenômenos investigados, não se preocupando com confirmações e/ou refutações de hipóteses, mas levando em consideração o contexto em que as narrativas são produzidas” (MORAES & GALIAZZI, 2007).

DESAFIO E ASSUNÇÃO DE SER PROFESSORA NA ILHA

Se muito vale o já feito, mais vale o que será... O que foi feito da educação das ilhas ao longo do tempo? Muito! E nesse fazer, as professoras se fizeram, constituíram-se professoras, considerando-se *inacabadas*, como discute Freire (1996), ao ponderar a condição humana de *inacabamento* permanente. A carência de professores nas ilhas foi o grande ponto de partida para as muitas histórias de vida que ao estar nesses lugares, ouvimos e passamos a conhecer. *É só ter alma de ouvir e coração de escutar!*⁴

Dentro deste eixo de análise, passo a apresentar e analisar à luz da literatura pertinente, alguns relatos sobre o início da carreira docente, buscando compreender os motivos destas mulheres tornarem-se professoras nestes contextos singulares e adversos, bem como fazer emergir os sentimentos envolvidos nesta constituição do ser-professora, não ingenuamente, mas destacando o que chamo, baseando-me em Freire (1996) e Arroyo (2000), de humana docência.

As professoras desta pesquisa têm histórias singulares do início de suas atividades docentes nas ilhas, embora similares entre si se considerarmos a realidade escolar amazônica. Como relatado anteriormente, Belém é uma cidade que tem muitas ilhas, e nelas existem escolas funcionando e suprimindo a carência das crianças. Porém, o acesso a esses lugares, ao mesmo tempo tão próximos e tão distantes da capital, a carência de professores nestes lugares, são situações problemáticas que, contudo, tomando como referência o tempo em que a maioria destas professoras passou a ser contratada – início dos anos oitenta – as secretarias municipal e estadual de Educação, vêm tentando minimizar, criando novas condições e regularidade de transporte, e contratando professores leigos, por exemplo.

As palavras de Jeusa explicitam essa realidade ao se referir sobre as razões para a contratação de professores leigos:

Foi assim... Era a carência de professores aqui na ilha, tinham poucos professores formados. Eu morava em Belém, e aos dezoito anos vim morar em Cotijuba. Nesse tempo, a diretora da escola chamou-me para fazer uma experiência na escola Tiradentes, onde não havia professor. Eu tinha somente o ensino fundamental. E trabalhei dois anos, prestando serviço para o município. A diretora, então, gostou do meu trabalho, e transferiu-me para a rede estadual. Hoje estou aqui. Mas não era formada, não tinha concluído meus estudos.

Ser professora na ilha a partir de um convite justificado pela carência de professores naquele tempo representava para muitas a oportunidade de um emprego com salário fixo, por menor que fosse. Com o tempo, “a identificação com a profissão

⁴ Conforme canta Marisa Monte em “Eu sou sua sabiá”.

foi acontecendo, revelando-se o gosto em ser professora, apesar das relutâncias iniciais, por não se sentirem preparadas para a função” (ANDRADE, 2007).

Ainda com relação à escolha pelo caminho da docência, o depoimento de Dine, descreve o momento exato onde sua estrada pedagógica começou:

Um dia estava em minha casa, quando fui chamada para participar de uma reunião que estava acontecendo na minha casa mesmo. A diretora da escola pediu-me para assumir, ou melhor, ocupar o lugar da professora que não havia comparecido à reunião. Eu, na hora, não quis. Mas insistiram e acabei concordando em tentar. Naquela época, eu era uma menina, com apenas dezessete anos, cursando a 7ª série.

Estas mulheres, na época em que se tornaram professoras, eram apenas meninas. Professoras leigas, possuindo o ensino fundamental incompleto, sem experiência, sem conhecimento algum da profissão, e ao mesmo tempo, corajosas por aceitarem enfrentar este grande desafio de assumir a docência diante da carência educacional do contexto. Embora tenham iniciado a docência sem um curso de formação para o magistério, **foram convencidas** a assumir turmas de alunos pela **necessidade** de professores nessas localidades, onde a **carência** era sentida por adultos e crianças moradoras que não tinham acesso à educação escolarizada. Concordando com Andrade (*op. cit.*), creio que, neste sentido, a função dessas professoras foi a de desbravadoras da região, já que não havia professores efetivos nas ilhas, nem professores em Belém dispostos a assumirem responsabilidades docentes na região das ilhas, o que ainda nos dias atuais é uma realidade. Essa situação é devida, principalmente pelo fato dessas ilhas não serem urbanizadas, não tendo, entre outras condições desejáveis, linhas regulares de transporte, à exceção da Ilha de Cotijuba.

Suas motivações para a imersão no *ofício de mestras*, como se refere Arroyo (2000) ocorreram, principalmente, por motivos extrínsecos à pessoa delas naquele momento, unidos, talvez, somente à possibilidade de uma renda mensal.

Outro motivo apontado para o *tornar-se professora da ilha* é esclarecido a partir da história de vida de Danny que faz uma breve ponte no tempo e recorda que quando menina, não tinha tido acesso à escola, por este ser um setor carente há muito tempo na região das ilhas de Belém. Assim, muito serenamente, a professora relata:

Eu sou nativa. Eu sou das ilhas de Barcarena, do interior das ilhas mais precisamente. Vim morar na ilha de Paquetá, com seis anos de idade. E, nessa época, não existiam escolas, com exceção do Educandário, que já funcionava como um reformatório, e atendia as crianças aqui da ilha de Cotijuba [também]. Mas eu não tinha acesso, porque era muito pequena, e minha família, muito carente. Então, quando eu já estava com 10 anos, eu pedi muito para a minha mãe, que eu queria estudar, que eu queria ser professora, e a minha mãe colocou-me para trabalhar em casa de família como babá em Icoaraci (distrito de Belém, próximo às ilhas citadas, de onde saem os barcos em direção à ilha de Cotijuba), e assim pude estudar. E concluí (o magistério) em 1996, e pensava assim: quando concluir meus estudos e puder dar aulas, irei para as ilhas trabalhar.

Danny guarda imagens da instituição *escola* em sua vida, que demonstra ter um sentido especial para ela, e que, em certa medida, determina sua prática docente. Ao passar para o “outro lado”, ou seja, passar do banco de aluna para a cadeira de professora, as imagens de sua infância e de um “acesso tardio” à escola, tornaram-se

responsáveis por expectativas e afloraram objetivos e propósitos em sua vida (LAPO, 1998).

É uma motivação a partir da identificação de problemas no contexto no qual ela está inserida, que é a ilha de Paquetá, e na possibilidade que Danny vê no sentido de contribuir para mudanças nesse contexto (BUZA, 2007), o que fica nítido nas expressões “*não existia escolas*”, e “*concluí (o magistério) em 1996, e pensava assim: quando concluir meus estudos e puder dar aulas, irei para as ilhas trabalhar*”.

O contexto das ilhas faz parte de sua vida. Danny nasceu no interior das ilhas de Barcarena, aos seis anos de idade mudou-se para a ilha de Paquetá, e lá não tinha direito à escola e por não ter tido acesso à educação no tempo normal a que toda criança tem direito, Danny se propõe a ir em busca de uma formação, e retornar *ao seu chão* como professora, “já que ser professora faz parte de nossa vida pessoal” (ARROYO, 2000), “é a sua imagem social, constituindo sua identidade docente” (NÓVOA, 1995), “impregnada da herança que carrega” (ARROYO *op. cit.*).

A VISÃO DE SI

Na tentativa de “enxergar” a visão que as professoras têm de si, perguntei a elas como descreveriam o trabalho ser professora da ilha, e como elas viam o seu papel como professora nas escolas em que atuam, o que me fez perceber ainda mais a *boniteza* da profissão docente.

Em resposta às indagações que fiz Ângela narra:

Ser professora na ilha, principalmente de classes multisseriadas é muito difícil. Ser professora na ilha é difícil, mas se você realmente se propõe a ser professor e ser responsável por essa profissão, se torna uma coisa muito legal, algo difícil, mas muito bom, que você faz com amor [...].Então se você quer ser professor de ilha, você tem que gostar da ilha. Você tem que gostar de pisar na lama, gostar de descer para empurrar o casco, porque tudo isso eu faço. Eu não era daqui, eu soube me adaptar. Eu sei pescar de matapi⁵, eu sei colocar rede, porque aprendi tudo isso aqui.

A professora da Ilha de Urubuoca destaca que trabalhar como professora nas ilhas é muito difícil, pela falta de recursos, pelo quase abandono, pelo isolamento, que obrigam as professoras a desempenharem vários papéis, os mais variados no âmbito escolar. Porém, diante das dificuldades, a professora destaca que tem *amor ao que faz*, amor à profissão e à comunidade na qual trabalha. *Ser professor na ilha, principalmente de classes multisseriadas é muito difícil. Ser professora na ilha é difícil, mas se você realmente se propõe a ser professor e for responsável por essa profissão, se torna uma coisa muito legal, algo difícil, mas muito bom, que você faz com amor*, diz Ângela. Assim como Freire (1996, p.54), a professora expressa seus sentimentos, pois mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que se encontra geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento da tarefa histórica de mudar o mundo (ou a ilha, partindo de sua realidade de ilha, para uma visão mais holística), crê que os obstáculos podem ser vencidos, que *não se eternizam*, e que ela pode fazer muito dentro de suas possibilidades, e além delas, entendendo *sua inserção num permanente movimento de busca*.

⁵ Matapi: armadilha de pesca de camarão, feita com fibras de palmeiras.

Ângela se vê como uma professora que enfrenta dificuldades, mas que ama sua escola, seus alunos e sua comunidade. Vê-se como alguém que, ao chegar neste desafio com responsabilidade, toma para si o desafio de aprender *a ser daquele contexto*. Ângela teve que se adaptar, e como ser professora da ilha exige, entre outros saberes, viver numa ilha não-urbanizada: *Eu sei pescar de matapi, eu sei colocar rede* (de pesca).

Na história de Jeusa, professora do anexo estadual Pedra Branca, na ilha de Cotijuba, percebo também essa doação, e sua narrativa muito próxima da de Ângela nessas feições de dedicação, de compromisso social, que constituem papéis não oficiais que estas professoras exercem cotidianamente em suas escolas, em suas comunidades.

Ao falar de sua prática docente, de seu papel como professora, fala da infraestrutura de sua escola:

Hoje a escola até que está boazinha, não é? Mas se você viesse há dois meses atrás, a escola estava caindo aos pedaços. Não tinha porta, não tinha janela, não tinha banheiro, estava horrível. Agora não, está bonitinha, a sala está bonitinha. Agora tem energia, tem caixa d'água, que antigamente a gente tinha que pegar água dentro do mato. Era um sacrifício, agora não, agora está ótimo. A estrutura da escola está bem agora. Ah, outro problema é o material didático. A gente não tem. Eu tenho que comprar tudo de material didático, só de limpeza que não, que eles mandam de lá, da empresa eles mandam. Mas material didático é tudo eu que compro com o meu dinheiro. Duas coisas que eu compro com o meu dinheiro: o material didático e gás. Eu trabalho doze anos aqui, e são doze anos que eu compro gás para essa escola.

Além do sacrifício já descrito anteriormente que Jeusa enfrenta para chegar a sua escola, enfrenta precariedade quanto à infra-estrutura da escola. Atualmente, sua escola está bem melhor, pois a Secretaria de Educação vem liberando verbas para que as escolas sejam reformadas, mas Jeusa durante muito tempo desenvolveu sua atividade docente em péssimas condições *há dois meses a escola estava caindo aos pedaços. Não tinha porta, não tinha janela, não tinha banheiro, estava horrível. Antigamente a gente tinha que pegar água dentro do mato. Era um sacrifício, agora não, agora está ótimo*”, narra professora. Hoje a escola está mais bem estruturada, e funciona também graças à dedicação de Jeusa, pois como já ressaltado no eixo de análise anterior, a professora trabalha nesta escola porque tem amor a ela, a seus alunos, à sua comunidade, pois trabalhar nesta comunidade é prazeroso e ao mesmo tempo sacrificante, já que Jeusa enfrenta uma série de dificuldades, inclusive para chegar até a escola.

E a professora destaca, em sua narrativa que *outro problema é o material didático. A gente não tem. Eu tenho que comprar tudo de material didático*. Além do material didático, a professora reitera: *Duas coisas que eu compro com o meu dinheiro: o material didático e gás. Eu trabalho há doze anos aqui, e são doze anos que eu compro gás para essa escola*. Isso é um exemplo de doação, de dedicação, já que – assim como Ângela – Jeusa, investe na escola, e conseqüentemente na educação de seus alunos, com dinheiro de seu salário, pois que compra material didático e gás de cozinha, responsabilidade da Secretaria de Educação, que tem ficado omissa nesse sentido.

Portanto, Jeusa preocupa-se com a sua escola, com sua comunidade, dedica-se a ela, bem como Ângela também o faz. Para estas mulheres, ser professora na ilha é: ter preocupação com as crianças e com a comunidade; é organizar a escola em termos legais, físicos, e funcionais; é abrir mão do salário, e empregá-lo na melhoria da escola; é lançar-se em um empreendedorismo humano e social; é superar falhas e lacunas do sistema com suas próprias fontes. E neste processo, nesta doação que estas professoras apresentam de forma tão “entregues”, consigo ler suas *identidades plenas*.

AS QUESTÕES E OS SABERES AMBIENTAIS: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES

Estas professoras tão sábias em seus contextos sócio-ambientais apresentam idéias formadas, saberes construídos, opiniões e leituras sobre o ambiente em que estão inseridas.

Parto da idéia de que meio ambiente não é apenas o somatório das partes que o compõem, mas é também a interação entre essas partes e o todo, ou seja, é um conjunto complexo como uma unidade que contém a diversidade em suas relações antagônicas e complementares de forma muitas vezes simultânea. “É tudo junto ao mesmo tempo agora” (GUIMARÃES, 2006). Com essa idéia de complexidade, de uma visão holística do ambiente, busco perceber nas narrativas das professoras as interações, as inter-relações com o todo, a soma, e neste sentido, compreender como elas enxergam o seu papel diante das questões ambientais que podem ser “lidas” no contexto em que estão inseridas.

As professoras das ilhas, por sua vez, têm essas características impressas em suas identidades, em seu cotidiano, pois algumas são nativas e outras moram nas ilhas há muito tempo, e, portanto, conhecem a *maneira de ser* do povo das ilhas, e mais do que isso, são parte daquele contexto. Portanto, quando indagadas sobre as questões ambientais, suas narrativas vieram constituídas de concepções, idéias, opiniões e conhecimentos, que compõem os saberes ambientais dessas professoras ilhoas.

Em relação ao ambiente natural e não-modificado da ilha de Urubuoca, Ângela manifesta-se nos seguintes termos: *Bom, eu acho que em relação ao ambiente a ilha tem uma coisa muito legal. Eu só mudei para cá por causa do ambiente que é muito legal [...], pois que é um ambiente ainda muito natural. A gente come peixe fresquinho, camarão fresquinho, açai fresquinho.*

Ângela destaca o aspecto natural, até mesmo bucólico da ilha de Urubuoca, que é uma ilha pouco habitada, sem transporte regular, dificultando o ir e vir da população da ilha, e de outras pessoas para a ilha de Urubuoca. A professora valoriza essa característica da ilha ao dizer que se *mudou para a ilha por causa do ambiente*, que considera como ainda *muito natural*, pois que os hábitos da ilha são muito simples, e proporciona às pessoas que ali vivem conviver com a natureza de forma pueril, como esclarece a professora quando diz que lá *a gente come peixe fresquinho, camarão fresquinho, açai fresquinho.*

Neste mesmo sentido, Nilzi descreve a ilha de Paquetá, mais especificamente a localidade de sua escola - o igarapé do Jamaci - destacando que *lá a gente vê bem*

mesmo o natural, lá no Jamaci, porque é árvore de um lado, árvore do outro, e pouquíssimas casas.

Nestas manifestações sobre o ambiente das ilhas de Urubuoca e Paquetá, feitas por Ângela e Nilzi, em resposta à minha primeira indagação, percebo a concepção e valorização essencialmente de uma “natureza idílica, plena de harmonia, sem espaços para relações desarmônicas ou degradações” (SANTANA, 2004), representadas por frases como *É um ambiente ainda muito natural e é árvore de um lado, árvore do outro, pouquíssimas casas.* Ao expressarem esta idéia, deixam nítida uma visão naturalista da natureza (CARVALHO, 2004), que tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, e onde a interação humana amiúde aparece como problemática e nefasta para a natureza (idem).

Relacionando as concepções de ambiente de Ângela e Nilzi, compreendo que as idéias apresentadas pelas professoras baseiam-se “principalmente na percepção da natureza como fenômeno estritamente biológico, autônomo, alimentando a idéia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano” (CARVALHO, 2004, p.36).

Porém, suas idéias evoluem para uma visão sócio-ambiental que busco ressaltar em suas narrativas, pois que as professoras manifestam este saber quando assumem o compromisso de falar sobre o ambiente com seus alunos, de tratar com seus alunos e com a comunidade do entorno sobre as problemáticas ambientais que observam nas ilhas em que trabalham, e quando narram práticas realizadas ou que projetam realizar com seus alunos e com a comunidade.

Ângela além de ressaltar o seu prazer de viver em um ambiente ainda muito bucólico e natural na ilha de Urubuoca, aponta problemáticas que observa em sua comunidade:

O ambiente aqui é muito legal, então é muito bom [viver na ilha], mas eu acho que em relação ao ambiente as pessoas deixam a desejar. Eu tenho trabalhado com um projeto do lixo que está prejudicando o meio ambiente. Eu já consegui até com o meu esposo, que antigamente ele não pensava nisso, com relação ao lixo. Na minha casa o lixo é todo separado. Então, eu estou tentando “mudar o pessoal”, porque o lixo é todo jogado no rio. Uma coisa que futuramente vai prejudicar. Os meus trabalhos todos são em cima do lixo, dessa área ambiental.. Só que o problema do lixo é constante aqui. Ainda não consegui mudar, e por conta de eu ser uma pessoa muito ocupada, tem várias coisas que eu tenho vontade de fazer [ainda]. Então, em relação ao meio ambiente aqui o que sufoca é essa quantidade de lixo, porque a população consome muitos alimentos, e não temos uma coleta de lixo. Eu procuro conscientizá-las na semana do meio ambiente, nas várias reuniões da associação. Eu digo para cada um fazer a sua coleta de lixo, para guardar esse lixo. É só o que me preocupa aqui em relação ao meio ambiente. Por exemplo, eu falo; “se você joga lixo, mais tarde você na vai ter peixe, não vai ter camarão”.

Com o importante papel social que Ângela exerce em sua comunidade, destaco sua preocupação com as problemáticas ambientais da ilha de Urubuoca. A professora percebe a problemática e realiza ações educativas junto a seus alunos e à comunidade como um todo, partindo de seus **conhecimentos práticos**, destacando que *tem trabalhado com um projeto do lixo que está prejudicando o meio ambiente.* Ressalto a estratégia de Ângela quando educa ambientalmente partindo de sua casa, de seu exemplo, pois que salienta: *eu já consegui até com o meu esposo, que antigamente ele*

não pensava nisso, com relação ao lixo. Na minha casa o lixo é todo separado; e inclui a comunidade tentando “mudar o pessoal”, porque o lixo é todo jogado no rio. A professora dá o exemplo, e pratica o que julga certo porque ensinar exige “a corporeificação das palavras pelo exemplo” (FREIRE, 1996), pois que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem; não há pensar certo fora de uma prática testemunhal (idem, p.34). Ângela educa e pratica o que ensina, como fica nítido em sua fala.

Ela ainda destaca as conseqüências da produção de lixo e da falta de cuidados com o lixo que é *jogado todo no rio*, analisando essa atitude com algo que *futuramente vai prejudicar*, que vai trazer prejuízos para os próprios moradores da ilha, destacando que *se você joga lixo, mais tarde você não vai ter peixe, não vai ter camarão*, ou seja, a ação de jogar lixo no rio, lesa não só a espécie humana, mas as outras espécies que serão prejudicadas com a poluição da água. Seguindo esta linha de raciocínio, percebo na fala de Ângela o que Capra (1996) chama de ecologia profunda que é a

ecologia que não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida (CAPRA, 1996, p.26).

Ainda sobre a problemática do lixo na ilha de Cotijuba, Danny se expressa trazendo evidências de sua preocupação diante dessa questão ambiental:

A ilha tem uma característica ecológica, de ser uma ilha ecológica. Por ser uma ilha ecológica eu percebo que não há um trabalho voltado para isso. Por quê? Porque a gente tem um retrato muito forte que é o lixo da ilha de Cotijuba. Que é uma coisa que desfaz toda essa característica da ilha. Então, eu creio que precisa ser trabalhada aqui na ilha a questão do lixo, de manejo do lixo partindo das residências e dos pontos comerciais, como os bares e pousadas, hospitais, que têm que participar junto com a escola. A escola sozinha faz, mas você precisa trabalhar o corpo maior. E aí, quando eu digo o corpo maior, é a família. Trabalhar a questão do manejo do lixo em casa, separar esse lixo, que destino você vai dar a esse lixo. Para que não vá cair todo lá. Porque, com isso, Cotijuba daqui a pouco vai ser um segundo Aurá⁶. A gente já vê hoje crianças lá naquele lixo, catando o lixo, homens catando lixo.

Danny revela saberes muito consistentes em relação às questões ambientais, e destaca que embora a ilha tenha uma característica ecológica, a presença do lixo a descaracteriza ecológica e socialmente, pois crianças e homens catam o lixo, correndo riscos de contaminação, bem como o chorumen pode contaminar os solos e os lençóis freáticos da ilha. Porém, a professora vai mais além quando completa sua reflexão sobre a problemática discutida, dizendo que *as políticas públicas têm que criar programas de prevenção realmente para a ilha, de manutenção, voltadas para essa questão ambiental*. E ainda completa que o trabalho de conscientização tem que ser feito com todos os setores da sociedade, e não somente ser responsabilidade da escola, havendo outros componentes que vêm se juntar à escola nessa tarefa, pois a sociedade é responsável pelo processo como um todo (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997). Em sua opinião, a questão do lixo precisa ser trabalhada em relação *ao manejo*, acrescentando que tem que partir da família, da escola, da sociedade

⁶ Aurá: Aterro sanitário do Aurá, área de depósito de resíduos sólidos da Região Metropolitana de Belém.

como um todo, mas que para isso, há necessidade de políticas públicas voltadas a estas questões, como argumenta Guimarães (2006, p.12), nos seguintes termos:

há necessidade de existir um trabalho em conjunto com a comunidade do entorno e uma reflexão sobre essas pressões sociais que promovem a degradação, provocando uma reflexão crítica, um sentimento de pertencimento que propicie uma prática social criativa pelo exercício da cidadania que assuma a dimensão política do processo.

Há que se desenvolver na prática educativa ambiental uma sensibilização tal que faça com que o sujeito se perceba como parte importante do contexto, e que, portanto, capaz de contribuir, intervindo na realidade sócio-ambiental.

Falando das atividades desenvolvidas em sua prática docente, Ângela narra que realiza *várias atividades em relação ao meio ambiente*, e que sempre parte da problemática mais evidente na comunidade da ilha de Urubuoca, como argumenta: *todo o tempo eu estou batendo na mesma tecla, a do lixo, porque é o que eu vejo de mais importante no momento*. Assim como Ângela trabalha a questão do lixo ressaltando que é a problemática mais preocupante na ilha em sua opinião, também destaca que em seu fazer docente, enfoca outros temas que considera relevante tratar com seus alunos, como narra:

Eu trabalho muito também os rios mostrando porque não podemos beber a água do rio. E outra coisa que eu trabalho muito também são as plantas medicinais daqui das ilhas, porque a gente não tem posto médico e a agente de saúde vem uma, duas vezes no ano aqui; o acesso a Cotijuba é difícil, e quando as pessoas têm algum problema de saúde de repente e não tem um remédio, corremos ali (a professora se refere a algumas plantas que ela tem na escola).

Em sua narrativa, percebo dois aspectos importantes: o trato com as questões que fazem parte do cotidiano das crianças ilhoas, das problemáticas presentes na ilha de Urubuoca como o *lixo, a poluição da água do rio, o conhecimento sobre as plantas medicinais existentes na ilha* e, novamente, a carência da ilha enfocada pela professora quando expressa que trabalha com *plantas medicinais daqui das ilhas, porque a gente não tem posto médico e a agente de saúde vem uma, duas vezes no ano aqui*, evidenciando também na prática com as plantas medicinais, os saberes tradicionais, os saberes da experiência do povo, que utiliza ervas, plantas ou parte delas para aliviar males de saúde.

Destaco saberes na prática de Ângela quando trabalha a partir da realidade da população ribeirinha, a realidade sócio-ambiental, que se inter-relaciona, e que, portanto, não faz das temáticas ambientais abordadas em sua prática docente, aspectos isolados da realidade (GUIMARÃES, 2005).

Ângela completa sua narrativa descrevendo suas práticas: *a gente sai para fazer coleta de lixo. Eu faço cartazes junto com as crianças e coloco aqui. E chamo a comunidade para os meninos estarem mostrando os cartazes que eles fazem, mostrando o rio que nós temos e como queremos manter o ambiente*.

As crianças, quando compartilham os saberes experienciados na prática educativa com seus pais, com a comunidade - pois Ângela cria momentos de socialização do que é feito em sala de aula com a comunidade da ilha -, formam-se cidadão conscientes de sua realidade sócio-ambiental e aptos para decidirem e atuarem em suas realidades, de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar da sociedade do entorno, quiçá até no futuro ultrapassando os limites da ilha (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997).

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa procurei enfatizar a investigação na compreensão das histórias de vida através das narrativas de professoras ilhoas da cidade de Belém do Pará, e os sentimentos que as compõem enquanto pessoas e profissionais; além de conhecer na tentativa de compreender os saberes ambientais que emergem de suas práticas desenvolvidas no campo ambiental, a partir de leituras do ambiente, como personagens importantes dentro do contexto das ilhas belenenses, e mais especificamente, das ilhas de Paquetá, Cotijuba e Urubuoca, que se constituem como ilhas não-urbanizadas. Destacando que para ser professor da ilha, tem que gostar da ilha, criar identidades com esses contextos, posto que ser professor em ambientes como os que trabalham implica em uma série de restrições, desconforto, bem como, no usufruto e na vivência deste ambiente peculiar.

Essas são histórias de vida de professoras ilhoas que, por vezes, se tangenciam, cada uma, com sua maneira de ser e viver suas práticas docentes, evidenciam que as elas se vêem como uma figura muito importante no contexto em que atuam, pois desempenham vários papéis para seus alunos e para a comunidade do entorno da escola, como o de mãe, amiga e conselheira, dando destaque para o papel social que exercem de forma consciente.

Suas docências estão impregnadas de sentimentos, que não ingenuamente, constituem suas humanas docências, uma vez que uma parte importante de nós é o profissional que somos, e a recíproca se faz verdadeira. São professoras que manifestam seus sentimentos, seu amor à docência, ao ambiente em que vivem, a suas escolas e que, por isso, são capazes de ter esperança na prática pedagógica, no sentido de contribuir para o futuro de seus alunos e na melhoria da qualidade de vida de suas comunidades.

Face ao ambiente do qual fazem parte, revelam saberes ambientais que constituem em suas práticas, e que são naturalmente narrados, pois que constituem seu fazer docente. Entendem o ambiente de suas ilhas como algo ainda muito natural, mas que já apresenta certas degradações do ambiente, principalmente na ilha de Cotijuba que é a mais povoada dentre as ilhas integrantes deste estudo, e que, por ter uma linha de transporte fluvial regular, cresce, se desenvolve com o aumento do número de moradores e de turistas que a freqüentam. E das problemáticas apontadas pelas professoras, o lixo constitui a maior preocupação por parte delas.

Deixam claras suas preocupações em relação ao ambiente quando descrevem suas práticas, pois em suas leituras do ambiente, percebem as problemáticas, e desenvolvem ações no intuito de formar cidadãos conscientes e críticos, preocupados com sua realidade sócio-ambiental, por conseguinte, capazes de intervir no mundo, partindo de seu contexto local.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. O. de. **Constituir-se professor nas ilhas de Belém: ensinando e aprendendo matemática**. Belém, 2007. Dissertação de mestrado, Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará.
- ARROYO, M. G.. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BUZA, J. L. C.. *Ensino de ciências em Cabinda, Angola*: condições da prática docente, idéias de professores e desafios. Belém, Pará, 2007. Dissertação de Mestrado. Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará.

CAPRA, F.. *A teia da vida*. São Paulo: editora Cultrix, 1996.

CARVALHO, I. C. de M.. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CONNELLY, F. M. e CLANDININ, D. J. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa. In: LARROSA, J. (org.) **Déjame que te cuente. Ensaio sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Alertes, 1995.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, M.. Ambiente como realidade complexa. In: ARAUJO, M. L. ; SILVA, M. L. da (orgs). **Múltiplas falas, saberes e olhares**: os encontros de educação ambiental no estado do Pará. Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. Belém: SECTAM, 2005.

GUIMARÃES, M. (org.). **Caminhos da educação ambiental**: da forma à ação. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006 (Coleção Papirus Educação)

LAPO, F. R. Dos bancos de escola à cadeira de professora. In: BUENO, B.; CATANI, D. B.; SOUSA, C.P. (org.). **A vida e o ofício dos professores**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C.. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Meio ambiente e saúde. Secretaria de Educação fundamental – Brasília: 1997.

NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Lisboa: ed. Porto, 1995.

SANTANA, A.R. de. **O ambiente no olhar de alunos em diferentes momentos de escolarização**. Belém, 2004. Dissertação de Mestrado. Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará.

SILVA T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000. 156 p.. ISBN85-86583-44-8